

## CRISE DO PETRÓLEO EM 2020

### Uma análise acerca dos impactos da guerra dos preços no Brasil

Ana Clara Ramos Ferreira<sup>1</sup>

Brenda Mattos Tomaz Rodrigues<sup>2</sup>

Carlos Magno Delogo Nilo<sup>3</sup>

Danilo André Ferreira<sup>4</sup>

Isabella Dias Rezende<sup>5</sup>

Lucas Mussa Bastos<sup>6</sup>

Yasmin Miranda Teixeira<sup>7</sup>

#### Resumo

O presente artigo analisa os eventos que levaram à crise dos preços do petróleo em 2020 e seus possíveis impactos no mercado internacional de petróleo e na economia internacional, bem como seus efeitos no Brasil. A pandemia do novo coronavírus - COVID-19 -, reconhecida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em março de 2020, demonstra como um fator volátil e repentino pode alterar toda a configuração de um setor econômico específico. Desse modo, compreender a partir desse cenário a forma como o desdobramento da pandemia do novo coronavírus afeta o mercado petrolífero se torna uma questão importante para a organização das políticas econômicas internacionais e domésticas. Assim, os grandes produtores de petróleo, atrelados à OPEP+, são os principais afetados e responsáveis pelo controle desta commodity. Nesse sentido, a discussão centraliza em torno dos principais atores da crise e da sua atuação internacional, além da compreensão dos motores da crise e das consequências decorrentes dos conflitos que emergem a partir da relação dos atores do mercado internacional de petróleo. As consequências econômicas para o Brasil, país em que grande parte do PIB se concentra na produção do petróleo, se tornam também um ponto importante na discussão. Do ponto de vista mercadológico, a crise nos preços do

<sup>1</sup> Estudante de Relações Internacionais pelo Centro Universitário de Belo Horizonte – UniBH.

<sup>2</sup> Estudante de Relações Internacionais pelo Centro Universitário de Belo Horizonte – UniBH.

<sup>3</sup> Estudante de Relações Internacionais pelo Centro Universitário de Belo Horizonte – UniBH.

<sup>4</sup> Estudante de Relações Internacionais pelo Centro Universitário de Belo Horizonte – UniBH.

<sup>5</sup> Estudante de Relações Internacionais pelo Centro Universitário de Belo Horizonte – UniBH.

<sup>6</sup> Estudante de Relações Internacionais pelo Centro Universitário de Belo Horizonte – UniBH.

<sup>7</sup> Estudante de Relações Internacionais pelo Centro Universitário de Belo Horizonte – UniBH.

petróleo pode acarretar em efeitos negativos para a economia mundial em níveis expressivos. Por fim, percebe-se que o cenário atual do mercado petrolífero, decorrente da crise dos preços e dos eventos que emergiram em 2020, ainda irá enfrentar um longo período de incertezas e instabilidades.

**Palavras-chave:** Petróleo – Crise dos Preços – OPEP – Coronavírus – Economia Internacional.

### Abstract

The present article analyzes the events that culminated in the 2020 crisis in oil's prices and its possible impacts in the international oil market and in the international economy - and its perceptible effects in Brazil. The new coronavirus pandemic - COVID-19 -, acknowledged by the World Health Organization (WHO) in March 2020, demonstrates how a volatile and sudden factor can change the entire organization of a specific economic sector. Thus, starting from this scenario, understanding how the development of the new coronavirus pandemic affects the oil market becomes essential to the international and domestic economic policies. Thereby, large oil producers, linked to OPEC +, are the main affected and responsible for the control of this international commodity. In this sense, the discussion is centered on the main actors of the crisis and their international performance, in addition to the perceptions regarding the drivers of this crisis and the consequences of conflicts that arise from the relationship of the actors in the international oil market. The economic consequences for Brazil, a country where a large part of the GDP is concentrated in oil production, is another focal point of the discussion. In the market's point of view, a crisis in oil prices can affect the effects of the world economy at significant levels. Thus, we can see the current scenario of the oil market, resulting from the price crisis and the events emerging in 2020, still immerse in a long period of uncertainty and instability.

**Keywords:** Oil – Price crisis – OPEC – Coronavirus – International economy.

## Introdução

O petróleo é uma fonte de energia primária, em geral de baixa substitutibilidade, motivo de sua alta demanda no mercado mundial. Tais características, somadas às diversas formas de aplicação do produto e à amplitude de consumo de seus derivados, o tornam uma fonte energética fundamental para a economia global (CANELAS, 2007, p. 1).

O início do ano de 2020 é marcado pela disseminação de um novo coronavírus<sup>8</sup>, que, devido ao alto índice de transmissibilidade, se propaga rapidamente entre diversos países do mundo (AGÊNCIA BRASIL, 2020). Com isso, torna-se evidente a necessidade de organização entre os países para estabelecer medidas de contenção da doença - que consistem, entre outras, na adoção do isolamento social. Essas medidas adotadas para a contenção do vírus influenciam diretamente na economia dos países, já que os postos de trabalho foram suspensos ou cumpridos por vias remotas, muitos setores foram fechados por tempo indeterminado e a população aconselhada a se manter dentro de suas casas.

Entre outros fatores, esse cenário fez com que a demanda por certos produtos diminuísse em inúmeros setores, um deles o setor petrolífero. Assim, o mercado, que já esperava uma queda na produção e venda do recurso (ISTOÉ DINHEIRO, 2020), nota o início da crise se iniciar a partir de um desacordo entre Rússia e Arábia Saudita - o segundo sendo um forte pilar da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP)<sup>9</sup>.

No começo do mês de março de 2020, a partir de um desalinhamento entre a Rússia e a Arábia Saudita, e com o início da pandemia do novo coronavírus, origina-se uma nova crise do petróleo. Nesse sentido, a crise se dá a partir de uma 'guerra de preços' instaurada entre Rússia e Arábia Saudita, que se desentendem em meio a uma reunião da OPEP+ que debatia acerca da possibilidade de uma possível redução na produção de barris entre os membros da OPEP (ESTADÃO, 2020). A relação entre as duas potências do mercado petrolífero, nesse cenário, se torna essencial para compreender a crise deflagrada em 2020.

Dessa forma, o artigo busca analisar as consequências da crise do petróleo instaurada no ano de 2020, tendo como guia a seguinte pergunta: quais

---

<sup>8</sup> O vírus teve seu surgimento no final do ano de 2019 (SANARCON, 2020), mas se disseminou em escala global a partir do ano de 2020.

<sup>9</sup> A organização foi fundada em setembro de 1960, por Irã, Iraque, Kuwait, Arábia Saudita e Venezuela, e conta atualmente com 13 países membros, são eles: Argélia, Angola, Congo, Guiné Equatorial, Gabão, Iraque, Kuwait, Líbia, Nigéria, Arábia Saudita, Emirados Árabes, Venezuela e Irã (OPEC, 2020).

os impactos do novo coronavírus na crise dos preços enfrentada pelo setor petrolífero? Diante desse questionamento, o objetivo central do artigo é compreender e mensurar, a partir dos dados coletados, os possíveis resultados e consequências da crise dos preços do petróleo de 2020. A fim de atingir o objetivo proposto, o artigo parte de uma metodologia quantitativa de análise de dados sobre a pandemia do novo coronavírus; da curva econômica do petróleo; dos impactos da guerra dos preços e de outros elementos considerados relevantes para compreensão e projeção das diversas frentes analisadas. Além disso, oferece-se uma análise qualitativa da ação dos atores e dos impactos da crise, tendo como base a revisão de literatura, buscando observações históricas das ações dos atores, a fim de compreender as suas tomadas de decisão no assunto em pauta.

Para avançar essa discussão, o artigo se encontra estruturado em três seções. Na primeira delas, identificamos os principais Estados relevantes no contexto da crise atual do petróleo e apresentamos elementos históricos que contribuem para a compreensão da sua atuação no cenário atual. A segunda seção situa a crise do petróleo no contexto internacional, analisando sua origem, impactos e possíveis desdobramentos. Por fim, a terceira seção traz ao estudo uma reflexão a respeito dos impactos da crise do petróleo de 2020 especificamente para o Brasil.

## **1. Atores chave no mercado petrolífero**

### **1.1 Europa, Brasil e África no mercado global de petróleo**

O século XIX é marcado pela presença do petróleo já como fonte de energia fundamental para as economias de escala industrial. Nesse cenário, há o domínio dos Estados Unidos no comércio internacional de petróleo. Essa situação só se modifica no início de 1901, quando o *Grupo Nobel*, com auxílio do capital russo e sueco, inicia a exploração da península de Aspheron (CEPA, 1999).

No século XX, outras empresas ganham força no mercado a partir de incentivos governamentais, como é o caso da *Royal Dutch–Shell Group* que, com apoio do governo britânico, rapidamente se expandiu e passou a controlar a maior parte das reservas no Oriente Médio e, posteriormente, investiu de forma relevante na Venezuela e no México (CEPA, 1999). Simultaneamente, empresas europeias iniciaram pesquisas intensas em todo o Oriente Médio, chamando a atenção internacional para o fato de que a região continha cerca de setenta por cento das reservas mundiais de petróleo (CEPA, 1999).

Outro ator que ganha importância na indústria petrolífera mundial a partir da segunda metade do século XX é a China. Com as reformas de 1978, a China se posicionou de forma a investir e explorar em operações como a extração e criação de reservas de petróleo além-mar, de modo a garantir seu crescimento acelerado (LECHINI, 2013). Assim, com ações que iniciaram uma abertura e liberalização do setor, o Estado Chinês se tornou o maior importador líquido de petróleo no mundo, com a finalidade de garantir cada vez mais os recursos necessários para o seu desenvolvimento interno (EPE, 2018). O desenvolvimento da indústria chinesa inicialmente foi baseado no carvão como matriz energética. Contudo, dado o desenvolvimento que o Estado vinha apresentado, a ampliação e busca por autossuficiência de sua indústria petroquímica se demonstrou cada vez mais necessária.

No caso do Brasil, a inserção como ator no mercado de petróleo se dá em meados do século XX, com a criação da Petrobrás em 1954 (BRITO, 2012). Porém, com os choques do petróleo<sup>10</sup> durante o período dos governos militares, o Estado brasileiro se colocou em uma posição de fragilidade dado a sua dependência em relação ao petróleo importado, que sofria aumento nos preços e déficit produtivo. O país foi capaz de reduzir sua vulnerabilidade neste setor principalmente graças aos investimentos da Petrobrás (BRITO, 2012).

Somente no início do século XXI, com o estabelecimento de táticas para conquistar a estabilidade inflacionária e a descoberta de uma gigantesca reserva petrolífera denominada *pré-sal*, o Brasil conseguiu manter uma posição de autossuficiência (BRITO, 2012). Tal reserva é encontrada a mais de sete mil metros abaixo do nível do mar e coberta por uma camada de sal de mais de dois mil metros de espessura, o que dificulta a sua extração (BRITO, 2012). As dificuldades encontradas na exploração da *commodity* tornaram necessário um movimento de desenvolvimento tecnológico para facilitar e otimizar a produção. Como resultado desses processos, a extração brasileira pela Petrobras saltou de 500 mil barris por dia em 1984, para 41 mil em 2010 e 1,5 milhão de barris por dia em 2018 (PETROBRÁS, 2019).

Também durante o início do século XXI, alguns Estados da África dotados de grandes reservas petrolíferas, como Angola, Nigéria e Líbia, emergiram como atores importantes na economia internacional. O continente representa cerca de 9,36% da indústria mundial do petróleo, e apenas nestes Estados são produzidos mais de 3,9 milhões de barris por dia (PEREIRA; DA SILVA, 2019).

---

<sup>10</sup> A denominação “choques do petróleo” é referência ao período de crise no mercado petrolífero, com início nos anos de 1970 (BRITO, 2012).

## 1.2 A Rússia no mercado global de petróleo

Em 1960, a então União Soviética surgiu como um dos exportadores de petróleo mais relevantes da década. A exportação do petróleo e de outros recursos naturais era uma das poucas vias de contato comercial da União Soviética com outros países. Nesse sentido, a organização e os investimentos internos do país para estimular a exportação e crescimento do setor petrolífero na URSS tinham como objetivo o fortalecimento da moeda interna – medida necessária para que o país continuasse ‘fechado’ em termos de participação no comércio internacional (BRANDALISE; HAINES, 2018).

Na década de 90, as exportações de petróleo representavam cerca de 80% das receitas do governo russo (BRANDALISE; HAINES, 2018). Contudo, a administração do mercado petroquímico era descentralizada – cerca de duas mil associações, empresas e organizações que há muito se encontravam desalinhadas ao governo russo, integravam o Ministério de Indústria do Estado – o que fez com que a produção russa decaísse poucos anos depois (BRANDALISE; HAINES, 2018). Diante disso, notou-se a necessidade de uma reforma com a função de recuperar a integração de toda produção de petróleo no âmbito econômico e administrativo, a fim de retomar a estabilidade do mercado, devido à pressão decorrente da queda na produção.

Para além disso, outros fatores também impactaram no desenvolvimento da crise, como a renúncia do então presidente Yeltsin, em 1999, sucedido por Vladimir Putin, que tornou-se presidente interino, e três meses depois, foi oficializado presidente eleito pela população russa (BRANDALISE; HAINES, 2018). Com a sua ascensão ao poder, Putin visava instaurar medidas com o intuito de minimizar os danos causados pelo período neoliberal que o Estado havia passado e restabelecer o Estado Russo no sistema internacional (RUSSIAN FEDERATION, 2000). “[P]ara tanto, foi necessário realizar reformas políticas, econômicas e sociais no país e reformular a relação entre políticas interna e externa russas em diversos aspectos” (BRANDALISE; HAINES, 2018, p. 9).

Uma das mudanças que se destacaram no governo Putin foi a notoriedade que o presidente atribuiu aos recursos energéticos, em central o petróleo, para que o Estado Russo se fortalecesse no cenário internacional e recuperasse, por meio das exportações, a sua estabilidade interna. Em seu entendimento, o país deveria regulamentar e desenvolver as indústrias de extração, tidas como base para o desenvolvimento, de modo que parte das empresas foram nacionalizadas

e passaram a fazer parte das gigantes do setor, caso da *Rosneft*<sup>11</sup> e a *Transneft*<sup>12</sup> (GOODRICH; LANTHERMANN, 2013).

O governo russo atualmente percebe o petróleo como um mecanismo para estender o seu poder e sua influência internacional (EPE, 2018). Um exemplo disso é a ligação da Rússia com o OPEP+: ainda que a relação entre os atores tenha se pautado pela concorrência no mercado durante décadas, em 2016 resolveram estabelecer uma aliança para combater o excedente de oferta. A Rússia liderou o projeto e fez com que a produção reduzisse cerca de 1,8 milhão de b/d<sup>13</sup> desde o início de 2017 (EPE, 2018). Assim, a sua atuação na OPEP+ aumentou seu protagonismo no setor petroquímico e estreitou as relações da Rússia com países da América do Sul, Norte da África e Ásia (EPE, 2018).

Atualmente, com a pandemia de COVID-19, “[o] petróleo apresentou forte queda, de 67% entre o início de janeiro e o final de março (de US\$ 69/barril para US\$ 22,7/barril), recuperando-se para a faixa de US\$ 30/barril na segunda semana de abril” (IPEA, 2020, p. 4). Essa reação se deu, em partes, pela ausência de acordos entre os países membros da OPEP+ e a Rússia a fim de reduzir a produção, já que os países “não conseguiram chegar a um acordo para restrição de ofertas, em um momento em que a redução na atividade econômica global destrói a demanda pela commodity” (G1, 2020).

Esses elementos fizeram com que a Arábia Saudita respondesse com um aumento dos custos, chegando a um crescimento de 24% dos preços em apenas um dia, conforme elaborado pela IPEA:

Eventualmente, um acordo em torno de uma redução de 9,7 milhões de barris/ dia foi alcançado, mas isso correspondeu a menos da metade da meta de redução da OPEP, de 20 milhões de barris/dia, o que permitiria, esperava-se no final de fevereiro, uma recomposição mais forte dos preços dada a queda esperada de 3,2 milhões de barris/dia da demanda em relação ao trimestre final de 2019. Aparentemente, a queda será muito maior devido à pandemia global e consequente queda da atividade econômica (IPEA, 2020 p. 4).

Logo, é possível perceber que a Rússia, por meio de seu setor energético – principalmente o petroquímico – conseguiu expandir sua influência tanto em nível regional quanto em nível global. Esse fator se dá, portanto, pela atuação do

---

<sup>11</sup> Rosneft: empresa líder no setor petroquímico na Rússia sendo a maior empresa pública do mercado global de petróleo e gás (Rosneft, 2020).

<sup>12</sup> Transneft: empresa líder em transporte na Rússia, sendo a maior empresa de oleodutos do mundo (Transneft, 2020).

<sup>13</sup> A “b/d” corresponde à unidade de medida para estipular a quantidade diária produzida de petróleo. Lê-se “barris por dia”.

Estado em se tratar de um dos principais fornecedores energéticos para países do mundo todo, de modo que a política estratégica de Putin fez com que o Estado Russo se estabelecesse e fortalecesse dentro do Sistema Internacional de forma expressiva até os dias atuais.

### 1.3 A Arábia Saudita no mercado global de petróleo

O Reino da Arábia Saudita, localizado no Médio Oriente<sup>14</sup>, tem a indústria do petróleo como seu principal pilar econômico. A Arábia Saudita possui a segunda maior reserva de petróleo do mundo e se mantém como um dos maiores exportadores do insumo, além de um dos principais membros da OPEP (IPIM, 2016). Na produção nacional saudita, cerca de 89% das receitas totais são advindas da exploração e exportação de petróleo (IPIM, 2016), de modo que “o petróleo e a indústria petroquímica são a artéria vital da economia saudita. As receitas de petróleo representam mais de 70 por cento das receitas financeiras do Estado e 42 por cento do PIB” (IPIM, 2016, p. 1).

Nesse sentido, outro elemento essencial que agiu como motor da expansão da indústria petroquímica na Arábia Saudita foi a sua adesão à Organização Mundial do Comércio (OMC), em 2005 (MELNIK, 2012). A partir da adesão, o país se beneficiou com o aumento dos preços internacionais do petróleo, o que levou a um crescimento exponencial da economia saudita (MELNIK, 2012). Assim como a Rússia, a Arábia Saudita se conecta com o mundo a partir da indústria do petróleo e sua estratégia consiste na ascensão cada vez maior das exportações com o intuito de aumentar a receita do Estado. Contudo, dada a sua dependência do setor, o governo saudita vem tentando diversificar os mercados:

Nos últimos anos, o governo tem utilizado plenamente os recursos abundantes de petróleo e gás natural, tendo introduzido tecnologia estrangeira e equipamentos avançados e desenvolvendo o setor não petrolífero, como ferro e aço, fundição de alumínio, cimento, dessalinização, energia elétrica, agricultura e setor de serviços entre outros. Desse modo de forma gradual o governo vem vindo alterar a estrutura econômica monolítica que depende apenas do petróleo. (IPIM, 2016, p. 1).

Em 2014, o Estado registrou pela primeira vez um déficit, devido à queda brusca nos preços do petróleo (EPE, 2017). Em resposta, o governo implementou medidas atenuantes, como a abertura de setores como a educação à iniciativa

---

<sup>14</sup> Médio Oriente ou Oriente Médio é o termo utilizado para referir-se aos Estados se se encontram geograficamente nas partes leste e sul do mar Mediterrâneo.

privada e o incentivo ao desenvolvimento do turismo. Subsequente a esse fato, em 2017, o governo iniciou seu projeto de redução de utilização de derivados de petróleo para a geração termelétrica, ampliando o uso de gás natural, visando ter disponível um volume maior de petróleo para a exportação (EPE, 2017).

No cenário internacional, a China, ao notar o potencial saudita, fez um pacto de cooperação avaliado em US\$ 65 bilhões em setores de energia e na indústria aeroespacial. Quanto aos Estados Unidos, em maio de 2017 o presidente Trump fez sua primeira visita à Arábia Saudita e firmou um investimento de US\$ 40 bilhões em infraestrutura da indústria petroquímica por empresas americanas (EPE, 2017). Outros parceiros internacionais também manifestaram interesse no mercado petrolífero saudita. Em 2018, por exemplo a *Saudi Aramco* assinou acordos com três empresas indianas com o propósito de construir uma refinaria com capacidade de 1,2 milhão b/d, com atuação prevista para ter início em 2025 (EPE, 2018).

Dada a situação em que o mundo se encontra atualmente e com as quedas de preço no mercado petroquímico, Arábia Saudita e Rússia se viram em um impasse após o anúncio da Arábia Saudita em aumentar sua oferta, tendo em vista que a ideia inicial era que se tivesse um acordo entre OPEP+ para redução da produção (BBC, 2020). Isso posto, entende-se que o mercado petroquímico é um dos principais motores da economia do Estado Saudita, tanto para que se destaque internacionalmente, quanto para a manutenção da sua estabilidade interna.

## 2. A crise internacional do petróleo de 2020

### 2.1 A pandemia do COVID-19 e a crise produtiva

O setor petrolífero vive um momento de instabilidade em razão da pandemia do novo coronavírus. Nesta perspectiva, as medidas de contenção do contágio do vírus, como o isolamento social, afetam todo o mercado mundial em uma crise generalizada na demanda de produtos e consequente distorção de preços (SILVEIRA, 2020). No caso do petróleo, presente em diversos mercados, houve drástica redução do consumo<sup>15</sup> - principalmente, o *West Texas Intermediate* (WTI), petróleo comercializado na bolsa de Nova York. Assim, essa diminuição no consumo causou uma distorção nos preços da commodity, que caíram excessivamente, gerando um desequilíbrio entre oferta e demanda (SILVEIRA, 2020).

---

<sup>15</sup> A queda estimada na demanda é de -9,3 milhões de barris por dia (mbd), comparada aos períodos anteriores. A queda é a maior registrada em quase 25 anos (ISTOÉ DINHEIRO, 2020).

A queda no consumo atrelada à manutenção da produção em seu nível padrão levou a um aumento dos estoques de petróleo em reservatórios. Isso, por sua vez, fez com que a demanda para estocagem do produto aumentasse vertiginosamente - durante o período diversos navios petroleiros permaneceram abastecidos e esperando uma destinação. O frete de cada navio petroleiro representa um valor proporcional expressivo e compõe uma parte relevante do preço final do produto (SILVEIRA, 2020). Assim, na segunda quinzena de abril de 2020, o preço do petróleo atingiu um valor que era apenas a estimativa de quanto custaria a armazenagem do barril, tornando o lucro do negócio negativo (NY TIMES, 2020; SILVEIRA, 2020). Por esse motivo, de acordo com a análise de Silveira (2020), o mercado de petróleo demonstra que está "extremamente volátil e que está sendo dominado por essa incerteza enorme em relação a capacidade da economia em absorver diariamente as quantidades produzidas nas plantas americanas" (SILVEIRA, 2020).

Trazendo uma perspectiva histórica, pode-se observar também o desenrolar de outras crises que afetaram o setor petrolífero a nível mundial e deixaram impactos significativos que podem ser analisados como base para se compreender o contexto formado pela crise de 2020. O Choque do Petróleo de 1973, por exemplo, surgiu a partir do desenvolvimento de estratégias coletivas para frear a produção da commodity, com o objetivo de valorizá-la, a partir do princípio básico da lei da oferta e demanda (FUSER, 2005). O efeito imediato dessa ação foi a crise energética que a queda na produção causou, seguida por uma valorização do barril que saltou de US\$5,12 para US\$11,65 em poucos meses (FUSER, 2005). Enquanto os países produtores e exportadores de petróleo experimentaram um *boom* na balança comercial, o resto do mundo passou por desequilíbrios importantes em quase todos os setores da economia (DE MELO, 2008). O cenário vivenciado em 1973, assim como o que se vive em 2020, demonstra na prática os impactos gerados pelo desequilíbrio na produção do petróleo a nível mundial, considerando a sua importância e aplicabilidade na economia de diversos Estados.

Nesse sentido, a partir da percepção de que a velocidade da produção do petróleo estava muito maior do que a velocidade de consumo e, com a finalidade de atingir um equilíbrio entre a demanda e a produção, as petroleiras estudaram uma redução considerável na produção de petróleo. Assim, ainda que essa queda

tivesse sido mais acentuada no petróleo WTI, esse também movimentou consigo a crise do petróleo Brent<sup>16</sup> e o conflito entre Arábia Saudita e Rússia.

Dessa forma, nota-se que a similaridade entre a crise que se apresenta no início da década de 2020 e de outras passadas (como a de 1973) está entre a oferta e demanda do insumo, e aponta, mais uma vez, a sua importância para o contexto internacional. A queda na oferta de petróleo resulta na elevação do preço, que desequilibra o mercado internacional, assim como sua oferta em excesso leva a uma guerra de preços, que também impacta a geopolítica internacional. Assim, para o contexto estudado é preciso ponderar sobre os papéis de Rússia e Arábia Saudita, no que diz respeito à produção e consumo do insumo.

## 2.2 Guerra dos Preços e a OPEP+

Como apresentado, a redução expressiva do consumo do petróleo em todo o mundo atingiu também os grandes produtores membros da OPEP+<sup>17</sup>, como a Arábia Saudita e a Rússia. Sabe-se que, desde 2016, os membros da Organização dos Países Exportadores de Petróleo já discutiam a possibilidade de redução do volume de produção para alavancar os preços da commodity e drenar a alta quantidade em estoque. Diante do cenário gerado pela COVID-19, a necessidade da medida se tornou ainda mais evidente para a organização (BBC, 2020).

Deste modo, no começo de março de 2020, a Arábia Saudita propôs um acordo com a Rússia que previa a redução na produção em 1,5 milhão de barris, com o objetivo de estabilizar o preço do petróleo e manter a competitividade dos dois gigantes do mercado petrolífero (ISTO É, 2020). Entretanto, a Rússia, apesar de se manifestar disposta a uma parceria, não concordou em reduzir sua produção, sobretudo pelo receio em perder espaço no mercado competitivo para o petróleo *WTI* norte-americano (ISTO É, 2020). Em resposta à Rússia, a “Arábia Saudita decidiu rebaixar seus preços a níveis de 20 anos atrás e, ao mesmo tempo, aumentar sua produção para 12,3 milhões de barris por dia a partir de abril” (ISTO É, 2020), dando início ao que é conhecido como “a guerra dos preços”.

Isso posto, é necessário trazer alguns elementos históricos da relação entre Rússia e Arábia Saudita que nos permitem melhor compreender a situação

<sup>16</sup> Petróleo extraído no Mar do Norte e comercializado na Bolsa de Londres (IPEA, 2005).

<sup>17</sup> Aliança entre a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) e outros países com grande produção de petróleo, como a Rússia (CBIE, 2020).

contemporânea. Nesse sentido, Ellass e Jaffe (2009, p. 9, tradução nossa<sup>18</sup>) apontam que “[a]s primeiras políticas da URSS em relação à Península Arábica foram geralmente reativas e oportunistas, ao invés de ideologicamente ligadas a um conceito utópico da revolução socialista mundial” (2009, p. 9). Desse modo, nota-se que a União Soviética e, mais adiante, a Rússia, se posicionou de forma a aproveitar oportunidades – como a Guerra do Afeganistão e os conflitos Irã-Iraque – para a abertura de mercados para o crescimento do seu setor petrolífero.

Assim, durante a Guerra Fria, a relação entre Arábia Saudita e União Soviética se desenvolveu em torno da tentativa soviética em aproveitar oportunidades e da iniciativa saudita em enfraquecer a URSS, utilizando recursos como a diminuição do preço do petróleo. Após a dissolução da URSS, ao longo dos anos 90 e anos 2000, “[c]om a cooperação do Ocidente, a Rússia começou a aumentar rapidamente sua capacidade de produção de petróleo e intensificou os esforços para substituir a Arábia Saudita e a OPEP como um fornecedor importante para o Ocidente” (ELASS; JAFFE, 2009, p. 13, tradução nossa<sup>19</sup>).

Ainda, a relação entre os dois produtores de petróleo foi pautada por disputas de preços pela participação no mercado de petróleo, além da participação em megaprojetos, portos e nas tentativas de acordos, cooperações e atuação em diversas frentes relacionadas à produção e comercialização da commodity. Nesse sentido, a Arábia Saudita tem agido de forma a se tornar um ator de crescente relevância para o Ocidente – principalmente ao fortalecer sua relação com os EUA e fornecendo petróleo ‘extra’ para acalmar o mercado internacional em casos de necessidade. Do outro lado, a Rússia tem se aproximado do Irã, de modo a expandir sua força geoestratégica na região e, sobretudo, no mercado petrolífero (ELASS; JAFFE, 2009).

Durante a crise de 2008, a Rússia demonstrou interesse em se fortalecer no mercado petrolífero, ainda que por meio de ações que pudessem ameaçar a tentativa de cooperação no âmbito da OPEP. Tal postura “deixou muitos países da OPEP desconfortáveis - reclamando em particular que a Rússia deseja influenciar a OPEP, talvez até puxando seus cordões sem oferecer quaisquer

---

<sup>18</sup> No original: “The early USSR’s policies towards the Arabian Peninsula were generally reactive and opportunistic, rather than ideologically linked to a utopian concept of the worldwide socialist revolution”.

<sup>19</sup> No original: “With cooperation from the West, Russia began rapidly increasing its oil production capability and stepped up efforts to displace Saudi Arabia and OPEC as a key supplier to the West”.

responsabilidades, contribuições ou os sacrifícios que vêm com a adesão real” (ELASS; JAFFE, 2009, p.24, tradução nossa<sup>20</sup>).

As relações entre os principais atores do mercado internacional de petróleo têm seguido um determinado padrão ao longo da história, o que nos auxilia a compreender suas relações atuais. No atual cenário, alguns elementos característicos da relação entre Rússia e Arábia Saudita, bem como da relevância da ação da OPEP, também se evidenciam. Na crise deflagrada em 2020, o conflito entre esses dois atores centrais trouxe uma enorme fragilidade no mercado de petróleo. A disputa gerou grandes complicações nas finanças globais e no preço do petróleo WTI e Brent (CNBC, 2020). Desta forma, em abril de 2020, o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, reforçou a urgência na elaboração de um grande acordo internacional entre os produtores de petróleo no mundo, agindo como um ator intermediário na guerra de preços entre Rússia e Arábia Saudita.

Como resultado da mediação estadunidense – que incluiu promessas de redução de sua própria produção, bem como da mexicana – finalmente os grandes produtores de petróleo chegaram a um acordo histórico para cortar a produção da commodity em 9,7 milhões de barris por dia, durante o período de maio e junho de 2020 (FORBES, 2020). Contudo, mesmo que o acordo marque o fim da guerra dos preços entre Rússia e Arábia Saudita, do ponto de vista mercadológico, ainda é cedo para afirmar se esse esforço será o suficiente para controlar a instabilidade no mercado petrolífero global.

### 2.3 Impactos da crise na economia internacional

A expectativa de retomada do consumo do petróleo aos patamares pré-COVID-19 é para maio/junho de 2021 nos países do Norte Global (SILVEIRA, 2020). Contudo, analistas como Paulo Silveira (2020) apontam que é ainda necessário esperar o consumo de todo o petróleo estocado durante os meses de isolamento mais rígido, antes que se possa pensar na retomada do aumento de produção. Ademais, é importante notar que a volatilidade nos preços do petróleo afeta diversos mercados em um efeito cascata. Presente em itens como gasolina, gás de cozinha, produtos de limpeza, cosméticos, tecidos e outros, o petróleo representa uma fonte de movimentação econômica muito expressiva no comércio internacional (VALOR, 2020). Por esse motivo, os efeitos das crises relacionadas

---

<sup>20</sup> No original: “This approach has left many countries inside OPEC uncomfortable— complaining privately that Russia wants to influence OPEC, perhaps even pulling its strings without offering up any responsibilities, contributions or the sacrifices that come with actual membership”.

à commodity são perceptíveis não somente no nível macro, em grandes empresas e bolsas de investimento ao redor do mundo, mas também alteram as relações de produção e consumo em pequenos negócios e no próprio cotidiano da população civil ao redor do mundo.

Assim, alguns possíveis formatos de oscilação e impacto a longo prazo nas finanças globais, seguindo a lógica de curvatura dos gráficos, são: (1) Formato V, (2) Formato L e, por fim, (3) Formato Raiz Quadrada ( $\sqrt{\quad}$ ). O primeiro (1) corresponde a um modelo em que a economia cai, atinge um ponto muito baixo e sobe novamente, indicando queda e recuperação rápida. O segundo (2), aponta àquele em que há uma grande queda e essa crise se mantém por mais tempo - esse modelo, entretanto, é considerado o menos provável de ocorrer no atual cenário. O terceiro (3) é considerado pelo economista Paulo Silveira (2020) como cenário mais provável, aquele em que a economia cai, formando um V e, em seguida, sobe, permanecendo em uma trajetória mais baixa durante um tempo.

No que diz respeito ao impacto na bolsa de valores, Paulo Silveira (2020) esclarece que a recuperação depende do grau de confiança que o mercado tem em relação ao país de investimento (SILVEIRA, 2020). Logo, em relação ao dólar, percebe-se que existe uma correlação direta entre moeda e preço do petróleo, de acordo com a revista Forbes:

O petróleo quase sempre é vendido em dólares americanos. Brent e Crude - os dois principais benchmarks de petróleo - são negociados em dólares americanos. Quando o valor do dólar cai, o preço do petróleo deve subir para ter o mesmo valor no mercado. Da mesma forma, quando o valor do dólar aumenta, o preço do petróleo deve cair correspondentemente (FORBES, 2020, tradução nossa<sup>21</sup>).

Deste modo, observar as oscilações e as tendências de valorização/desvalorização do dólar no cenário atual é essencial para compreender como a crise do petróleo irá atingir a economia internacional. Por enquanto, conforme elaborado pela *CNN Business*, o dólar permanece forte durante os primeiros meses de crise (CNN, 2020). Entretanto, no que concerne o mercado de câmbio internacional, com a alta do dólar, a queda do preço do petróleo e as crises dos demais mercados em razão do coronavírus, a tendência é de um cenário de crescente deflação que, quando muito acentuada e

---

<sup>21</sup> No original: "Oil is almost always sold in U.S. dollars. Both Brent and Crude—the two main oil benchmarks—are traded in U.S. dollars. When the value of the dollar drops, the price of crude must rise to have the same worth on the market. Similarly, when the dollar value rises, the price of crude should correspondingly drop".

persistente, “reduz a demanda da economia e pode prejudicar a geração de empregos e da própria renda” (FOLHA, 2020).

Ainda, existe uma movimentação internacional de incentivo e investimento em energias renováveis, como é o caso do que Ernani Reis, analista da *Capital Research*, chama de de “*green money*”: o investimento e consumo responsável em relação ao meio ambiente. Essa atenção direcionada para os mercados de energia renovável já era percebida como um dos principais elementos que afetariam, em longo prazo, a comercialização do petróleo em escala global (VALOR, 2020). Nesse sentido, a emergência de uma pandemia é tida, na visão dos especialistas, como um estímulo ainda mais forte em direção ao desenvolvimento e investimento em mercados mais sustentáveis como uma alternativa ao óleo fóssil (VALOR, 2020).

Por fim, a análise sobre os impactos realizada pelos economistas, em geral, conta sobretudo com uma melhora breve do cenário, possivelmente no segundo semestre de 2020. Entretanto, ainda há muita incerteza em relação ao vírus, de modo que, caso o novo coronavírus se comporte de forma muito diferente da expectativa, gerando, por exemplo, uma segunda onda de contágio e forçando mais um período de quarentena e medidas de contenção, o impacto no mercado produtor de petróleo será ainda maior e a economia internacional ainda não estará totalmente restabelecida para lidar com a nova tribulação (SILVEIRA, 2020).

### 3. O Brasil e a Crise do Petróleo de 2020

Assim como no restante do mundo, os impactos da Crise do Petróleo atingiram o Brasil, sobretudo em setores como as áreas de atuação da estatal Petrobrás, bem como no setor econômico de forma geral, já que o país é, em grande medida, dependente da petrolífera como parte considerável do seu PIB<sup>22</sup>. Com a chegada da crise causada pela pandemia do novo coronavírus, a Petrobrás, assim como outras petrolíferas do mundo, notou a necessidade de ampliar os cortes na sua produção e reduziu a oferta em cerca de 200 mil barris diários desde abril de 2020, além de adotar medidas como o corte de novos investimentos (FOLHA DE SÃO PAULO, 2020).

Como resultado desse tipo de atuação, as ações dos investidores que aplicam na empresa tendem a partir de um critério de maior desconfiança, e a consequência desse processo é uma queda importante nas ações da Petrobrás: as ações da empresa caíram cerca de 40% desde o início da crise, partindo de

---

<sup>22</sup> De acordo com o ranking de 2018, o Brasil é nono maior exportador de petróleo do mundo, e o insumo representa cerca de 15% de todas as exportações brasileiras (ECONOMIA UOL, 2020).

uma faixa de R\$ 40,00 no mês de janeiro de 2020, e chegando a R\$ 18,00 em 30 de abril do mesmo ano (CNN BUSINESS, 2020).

O Fundo Monetário Internacional (FMI) apresentou possíveis previsões acerca da variação dos valores das *commodities* brasileiras entre 2020 e 2021, incluindo o petróleo – ao qual se prevê uma variação negativa de preço em torno de 42% para 2020, com uma curta recuperação de 6,3% em 2021 (IPEA 2020). Como tentativa de frear tal impacto negativo não apenas no petróleo, mas em toda a economia brasileira, o Banco Central do Brasil somou esforços para reduzir a taxa básica interbancária de juros (Selic), que passou de 4,25% em março para 3% em maio de 2020 (OPEC, 2020; BCB, 2020).

Em relação à crise dos preços, durante a reunião organizada pelo G20<sup>23</sup>, o Brasil, sendo considerado um dos dez maiores produtores de petróleo do mundo, concordou em reduzir a produção nacional de petróleo em 200.000 bdp, valor que representa cerca de 20% das exportações do óleo fóssil no Brasil (ANBA, 2020). Ademais, o país se comprometeu a participar nas ações em busca da estabilidade do mercado petrolífero global. Assim como os demais membros presentes na reunião, o Brasil “comprometeu-se a tomar as medidas necessárias para garantir um equilíbrio entre os interesses dos produtores e consumidores, bem como a segurança e o fluxo de energia” (ANBA, 2020).

Além dos impactos que a crise gera no setor petrolífero brasileiro, é preciso analisar também os demais ramos de atuação na economia do país. Nos últimos três anos, o Brasil vinha apresentando taxas de crescimento do PIB de cerca de 1%. No último trimestre de 2019, conquistou uma taxa ascendente de 1,7%. No entanto, a produção industrial do Estado estava em decadência já em janeiro (-0,9%) e fevereiro (0,5%) do ano de 2020. Com a eclosão da COVID-19 e o novo contexto de pandemia mundial, a produção reduziu cerca de 3,7% em março (OPEC, 2020).

Ainda que a crise do petróleo atrelada ao cenário pandêmico tenha atingido todo o mundo, “entre as 44 principais economias desenvolvidas e emergentes, o real brasileiro foi a moeda que mais se desvalorizou no ano ante ao dólar” (ESTADÃO, 2020), apresentando uma queda de 36,51% até o fim de abril de 2020. Esse cenário pode ser analisado a partir da interpretação de diversos fatores, alguns mais afastados da realidade criada pela COVID-19, como a crise política instaurada no país entre o Executivo e os demais poderes, além dos problemas fiscais, ausência de reformas e fuga do investidores estrangeiros

---

<sup>23</sup> Principal mecanismo de governança econômica do mundo, o G20 é um grupo de ministros e chefes dos bancos e finanças das maiores economias globais (MRE).

(ESTADÃO, 2020). Desse modo, nota-se uma economia brasileira conturbada não só pela crise sanitária e a crise do petróleo que assombram o mundo, mas também pelo cenário político instável.

Os impactos desse processo podem ser observados a partir de diversas frentes, como a balança comercial brasileira, que conta com o setor petrolífero como parte significativa das suas exportações (ECONOMIA UOL, 2020). Tal elemento pode acarretar em problemas ainda mais graves no futuro, dado que a economia brasileira depende de forma expressiva do recurso advindo das vendas da commodity. Além disso, impactos econômicos importantes também podem ser analisados a partir da perda de atração aos investimentos, já que o comércio exterior do país depende do petróleo em larga medida. Isso implica em dizer que a saúde financeira do Brasil não apresenta boas expectativas, sobretudo quando esse cenário surge atrelado à crise política supracitada (ESTADÃO, 2020).

Nesse sentido, o que se espera como desdobramento desse cenário é um período de recessão econômica para o Brasil, que deve sentir a crise afetando-o fortemente dentro dos próximos meses, como já vem sentindo desde abril de 2020. O mês de maio se encerra com o balanço do primeiro trimestre do ano em queda<sup>24</sup> de 1,5% no PIB do país, e há expectativa de uma queda de mais 0,3% ao ano (IBGE, 2020). Assim, pode-se observar uma estrutura brasileira fragilizada não só pelos impactos sofridos pela crise do petróleo e pela pandemia causada pela COVID-19, mas também pela consequência desses fatores atrelados à conjuntura política do país, que apresenta ao investidor estrangeiro ainda mais descrédito para compor a sua base de aplicações no Brasil, além de uma queda significativa no comércio exterior do país.

### Considerações Finais

No artigo, buscou-se uma compreensão da economia mundial do ramo petrolífero, primeiramente por meio da identificação de seus principais atores, notadamente EUA, Rússia e Arábia Saudita. Além disso, teceu-se uma análise do comportamento desses atores diante dos desafios econômicos colocados em pauta pela atual pandemia de COVID-19. A partir do comportamento desses *players* globais, procuramos discutir como as mudanças no mercado mundial do petróleo têm afetado o ambiente econômico brasileiro.

Ao longo deste exercício reflexivo, foi possível constatar que a crise na economia global do petróleo foi desencadeada pela “guerra de preços” entre

---

<sup>24</sup> Comparado ao mesmo período de 2019.

Arábia Saudita e Rússia, em um contexto já desafiador diante da recessão global provocada pela pandemia de COVID-19, que modificou abruptamente a utilização da commodity em todo o mundo. Dessa forma, o surgimento do novo coronavírus, como foi analisado, desencadeou para o mercado petrolífero consequências bastante severas, com impacto em diversos setores da economia mundial.

O Brasil, bastante dependente do petróleo em sua matriz econômica, sente o impacto dessa crise de forma contundente. Além de reflexos da economia internacional, o país também padece de instabilidades políticas que intensificam a intensidade com que a crise do setor petrolífero atinge o Estado brasileiro, além de dificultar a recuperação, posto que tornam o país menos atrativo para investidores externos.

Dessa forma, por fim, compreende-se o desencadeamento da crise dos preços do petróleo como resultante em um conjunto de consequências negativas tanto para o setor petrolífero em si quanto para diversos outros setores econômicos dos Estados exportadores de petróleo. O Brasil, nesse contexto, demonstra uma vulnerabilidade importante para as consequências da guerra dos preços, além de enfrentar dificuldades em sua política doméstica, que podem influenciar ainda mais nos desdobramentos negativos desse processo.

### Referências Bibliográficas

AGÊNCIA BRASIL. **OMS reconhece evidências sobre transmissão da COVID-19 pelo ar**. Disponível em <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2020-07/oms-reconhece-evidencias-sobre-transmissao-da-covid-19-pelo-ar>> Acesso em 17 de maio de 2021.

FUSER, Igor. **O petróleo e o envolvimento militar dos Estados Unidos no Golfo Pérsico (1945-2003)**. Dissertação de mestrado. 2005. São Paulo: Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais Santiago Dantas (Unesp / Unicamp / PUC-SP).

DE MELO, Isabela Estermínio. **As crises do petróleo e seus impactos sobre a inflação do Brasil**. Monografia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Departamento de Economia. Rio de Janeiro, 2008.

ANBA. **Países aprovam corte na produção de petróleo**. Disponível em <<https://anba.com.br/en/countries-approve-oil-production-cut/>> Acesso em junho de 2020.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Taxas de Juros básicas. Histórico**. Disponível em: <<https://www.bcb.gov.br/controleinflacao/historicotaxasjuros>> Acesso em maio de 2020.

BBC. **Coronavirus and oil: Why crude has been hit hard.** Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/business-51353146>> Acesso em maio de 2020.

BBC. **US backs Opec deal with cuts to boost oil price.** Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/business-52226236>> Acesso em maio de 2020.

BRITO, Thiago Luis Felipe. Segurança energética e Interdependência: Um estudo sobre o petróleo no Brasil. In: **Congresso Brasileiro de Planejamento Energético.** Curitiba. 2012. p. 262-270. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/profile/Thiago\\_Brito6/publication/318431613\\_Energy\\_Security\\_and\\_Interdependence\\_a\\_Study\\_about\\_Oil\\_in\\_Brazil/links/59691101aca2728ca67c0053/Energy-Security-and-Interdependence-a-Study-about-Oil-in-Brazil.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Thiago_Brito6/publication/318431613_Energy_Security_and_Interdependence_a_Study_about_Oil_in_Brazil/links/59691101aca2728ca67c0053/Energy-Security-and-Interdependence-a-Study-about-Oil-in-Brazil.pdf)> Acesso em maio de 2020.

CANELAS, De Souza A. L. **Evolução da importância econômica da indústria de petróleo e gás natural no Brasil: contribuição a variáveis macroeconômicas.** Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2007

CBIE. **O que é a OPEP+?.** Disponível em: <<https://cbie.com.br/artigos/o-que-e-a-opep/>> Acesso de maio de 2020.

CEPA. **História do Petróleo.** Disponível em: <<http://cepa.if.usp.br/energia/energia1999/Grupo1A/historia.html>> Acesso em maio de 2020.

CHAGAS, Debora Cristina Nascimento. A geopolítica dos recursos naturais da Rússia: uma análise sob a perspectiva de Vladimir Putin. **Revista Vernáculo**, n. 33, 2014. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/vernaculo/article/view/37140/23159>> Acesso em maio de 2020.

CNBC. **5 charts that explain the Saudi Arabia-Russia oil price war so far.** Disponível em: <<https://www.cnn.com/2020/04/01/5-charts-that-explain-the-saudi-arabia-russia-oil-price-war-so-far.html>> Acesso em maio de 2020.

CNN BUSINESS. **The US dollar is still king during the coronavirus.** Disponível em <<https://edition.cnn.com/2020/04/17/perspectives/strong-dollar-coronavirus/index.html>> Acesso em maio de 2020.

LEWIS, Steven W; SOLIGO, Ronald. **The History and Politics of Russia's Relations with OPEC.** Paper, Baker Institute, 2019. Disponível em: <<https://www.bakerinstitute.org/research/the-history-and-politics-of-russias-relations-with-opec/>>. Acesso em maio de 2020.

GOODRICH, Lauren; LANTHEMANN, Marc. **The Past, Present and Future of Russian Energy Strategy.** Stratfor: Geopolítica. 12 de Fevereiro de 2013. Disponível em <<https://worldview.stratfor.com/article/past-present-and-future-russian-energy-strategy>> Acesso em maio de 2020.

EPE. **BOLETIM DE CONJUNTURA DA INDÚSTRIA DO PETRÓLEO.** Disponível em: <<https://www.epe.gov.br/sites-pt/publicacoes-dados-abertos/publicacoes/PublicacoesArquivos/publicacao-226/topico-337/Boletim%20de%20Conjuntura%20da%20Ind%20C3%BAstria%20do%20Petr%20C3%B3leo%20-%20n%C2%BA%202.pdf>>. Acesso em: 1 jul. 2020.

**EPE. BOLETIM DE CONJUNTURA DA INDÚSTRIA DO PETRÓLEO.**

Disponível em: <[https://www.epe.gov.br/sites-pt/publicacoes-dados-abertos/publicacoes/PublicacoesArquivos/publicacao-226/topico-399/Boletim%20de%20Conjuntura%20da%20Ind%C3%BAstria%20do%20Petr%C3%B3leo\\_1sem2018\\_07\\_04.pdf](https://www.epe.gov.br/sites-pt/publicacoes-dados-abertos/publicacoes/PublicacoesArquivos/publicacao-226/topico-399/Boletim%20de%20Conjuntura%20da%20Ind%C3%BAstria%20do%20Petr%C3%B3leo_1sem2018_07_04.pdf)>. Acesso em: 1 jul. 2020.

**ESTADÃO. Entenda por que o real é a moeda que mais se desvalorizou em 2020.** Disponível em <<https://investidor.estadao.com.br/mercado/real-moeda-mais-desvalorizada-2020/>> Acesso em maio de 2020.

**EXAME. Os 15 países com as maiores reservas de petróleo no mundo.**

Disponível em: <<https://exame.com/economia/os-15-paises-com-a-maiores-reservas-de-petroleo-do-mundo/>> Acesso em maio de 2020.

**FOLHA DE SÃO PAULO. Petrobrás amplia corte na produção de petróleo por crise do coronavírus.** Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/04/petrobras-amplia-corte-na-producao-de-petroleo-por-crise-do-coronavirus.shtml>> Acesso em maio de 2020.

**FOLHA DE SÃO PAULO. Entenda o que é deflação e os riscos da queda de preços se tornar persistente.** Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/05/entenda-o-que-e-deflacao-e-os-riscos-da-queda-de-precos-se-tornar-persistente.shtml>> Acesso em maio de 2020.

**FORBES. What Will Happen To Crude Oil If The Dollar Falls.** Disponível em <<https://www.forbes.com/sites/ellenwald/2019/07/11/what-will-happen-to-crude-oil-if-the-dollar-falls/#492ca86f1744>> Acesso em maio de 2020.

**FORBES. World's Top Oil Producers Agree To Historic Deal To End Devastating Price War.** Disponível em:

<<https://www.forbes.com/sites/jackbrewster/2020/04/12/worlds-top-oil-producers-agree-to-historic-deal-to-end-devastating-price-war/#5a87a41b5d28>> Acesso em maio de 2020.

**FUP. A Competitividade do setor Petróleo no Brasil: somos ineficientes? .**

Disponível em: <<https://www.fup.org.br/ultimas-noticias/item/23578-a-competitividade-do-setor-petroleo-no-brasil-somos-ineficientes>> Acesso em maio de 2020.

**G1. Arábia Saudita anuncia redução da produção de petróleo em junho.**

Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/05/11/arabia-saudita-anuncia-reducao-da-producao-de-petroleo-em-junho.ghtml>> Acesso em maio de 2020.

**G1. Entenda a queda do preço do petróleo e seus efeitos.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/noticia/2015/01/entenda-queda-do-preco-do-petroleo-e-seus-efeitos.html>> Acesso em maio de 2020.

HAINES, Andrés Ferrari; BRANDALISE, Angela Gallina. **Política Energética da Rússia: Efeitos na Inserção Internacional do País.** UFRGS/FCE/DERI (Texto para Discussão), p. 5-15, 2018. Disponível em: <[https://www.ufrgs.br/fce/wp-content/uploads/2018/01/TD01\\_brandalise\\_haines.pdf](https://www.ufrgs.br/fce/wp-content/uploads/2018/01/TD01_brandalise_haines.pdf)>. Acesso em: 1 jul. 2020.

**IBGE. PIB cai 1,5% bi 1º trimestre de 2020.** Disponível em

<<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia->

[de-noticias/releases/27837-pib-cai-1-5-no-1-trimestre-de-2020](#)> Acesso em maio de 2020.

IMF. **Regional Economic Outlook: Middle East and Central Asia. 2016.**

Disponível em: <<https://www.imf.org/en/Publications/REO/MECA>> Acesso em maio de 2020.

IPEA. **Carta de Conjuntura.** Disponível em:

[https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/conjuntura/200430\\_cc47\\_economia\\_mundial.pdf](https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/conjuntura/200430_cc47_economia_mundial.pdf). Acesso em: 1 jul. 2020.

IPEA. **O que é? - Petróleo Brent e WTI.** Disponível em:

<[https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?id=2083%3Acatid%3D28&option=com\\_content](https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?id=2083%3Acatid%3D28&option=com_content)> Acesso em maio de 2020.

IPIM. **Reino da Arábia Saudita.** Disponível em: <https://m.ipim.gov.mo/wp-content/uploads/2018/02/Saudi-Arabia-port.pdf>. Acesso em: 1 jul. 2020.

ISTO É. **Rússia não descarta aliança com a Opep.** Disponível em:

<<https://www.istoedinheiro.com.br/russia-nao-descarta-alianca-com-a-opep/>> Acesso em maio de 2020.

ISTOÉ DINHEIRO. **AIE prevê queda histórica da demanda de petróleo em 2020 (-9,3 mbd).** Disponível em <<https://www.istoedinheiro.com.br/aie-preve-queda-historica-da-demanda-de-petroleo-em-2020-93-mbd/>> Acesso em junho de 2020.

LECHINI, G. **A China na África: discurso sedutor, intenções duvidosas.**

Nueva Sociedad, Artigo, p. 140-152, setembro 2013. Disponível em <<https://nuso.org/articulo/a-china-na-africa-discurso-sedutor-intencoes-duvidosas/>> Acesso em julho de 2021.

MIELNIK, Otávio. O mercado do petróleo: Oferta, Refino e Preço. **FGV**, São Paulo, v. 1, n. 15, p. 15-43, out./2012. Disponível em:

<https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/9816/Petroleo.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 1 jul. 2020.

MRE. **O Brasil no G-20.** Disponível em <<http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/politica-externa/diplomacia-economica-comercial-e-financeira/15586-brasil-g20>> Acesso em junho de 2020.

NYTIMES. **U.S. Oil Prices Plunge Into Negative Territory: Live Markets**

**Updates.** Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2020/04/20/business/stock-market-live-trading-coronavirus.html>> Acesso em maio de 2020.

OPEC. Organization of the Petroleum Exporting Countries. **2019 Annual Statistical Bulletin.** Disponível em:

<[https://www.opec.org/opec\\_web/en/press\\_room/5532.htm](https://www.opec.org/opec_web/en/press_room/5532.htm)> Acesso em maio de 2020.

OPEC. Organization of the Petroleum Exporting Countries. **About Us.** Disponível em: <[https://www.opec.org/opec\\_web/en/17.htm](https://www.opec.org/opec_web/en/17.htm)> Acesso em maio de 2020.

PEREIRA, Júlia Silveira; DA SILVA, Victor Hugo Dresch. **Extração e Tráfico de Petróleo por Atores Não Estatais.** Policy Brief: Comitê Especializado em

Defesa, Proteção e Segurança da União Africana, UFRGS, 2019. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/ufrgsmun/2019/web/pdfs/DPS.pdf>> Acesso em maio de 2020.

PETROBRÁS. **Participação do setor de petróleo e gás chega a 13% do PIB brasileiro.** Disponível em: <<https://petrobras.com.br/fatos-e-dados/participacao-do-setor-de-petroleo-e-gas-chega-a-13-do-pib-brasileiro.htm>> Acesso em maio de 2020.

PETROBRAS. **Pré-Sal.** Disponível em: <<https://petrobras.com.br/pt/nossas-atividades/areas-de-atuacao/exploracao-e-producao-de-petroleo-e-gas/pre-sal/>>

ROSNEFT. **Rosneft em resumo.** Disponível em: [https://www.rosneft.com/about/Rosneft\\_today/](https://www.rosneft.com/about/Rosneft_today/). Acesso em: 1 jul. 2020.

SANARCON. **Coronavírus (COVID-19): origem, sinais, sintomas, achados, tratamentos e mais.** Disponível em <<https://www.sanarmed.com/coronavirus-origem-sinais-sintomas-achados-tratamentos>> Acesso em junho de 2020.

SILVEIRA, Pedro Paulo. **Petróleo Negativo.** Locução de: Alexandre Ottoni, Deive Pazos, Vinicius Fuzikawa & Pedro Paulo Silveira. Produtora Radiofobia, Brasil, maio/2020. **Nerdcast.** Disponível em: <<https://jovemnerd.com.br/nerdcast/nerdcash/petroleo-negativo/>> Acesso em maio de 2020.

THE WORLD FACTBOOK. **Middle East. Saudi Arabia.**2020 Disponível em: <<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/sa.html>> Acesso em maio de 2020.

TRANSNEFT. **History.** Disponível em: <https://en.transneft.ru/about/story/>. Acesso em: 1 jul. 2020.

UNA SUS. **Organização Mundial da Saúde declara pandemia do novo coronavírus.** Disponível em: <<https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>> Acesso em maio de 2020.

UOL ECONOMIA. **Como a queda do preço do petróleo pode afetar o Brasil?** Disponível em <<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/03/09/como-a-queda-do-preco-do-petroleo-pode-afetar-o-brasil.htm>> Acesso em maio de 2020.

VALOR. **Crise do petróleo vai longe e afeta sua vida além do preço da gasolina.** Entenda. Disponível em <<https://valorinveste.globo.com/mercados/internacional-e-commodities/noticia/2020/05/11/crise-do-petroleo-vai-longo-e-afeta-sua-vida-alem-do-preco-da-gasolina-entenda.ghtml>> Acesso em junho de 2020.

VALOR. **Petróleo: Trump diz que EUA vão ajudar México, e que México vai reembolsar EUA.** Disponível em: <<https://valor.globo.com/mundo/noticia/2020/04/10/petroleo-trump-diz-que-eua-vao-ajudar-mexico-e-que-mexico-vai-reembolsar-eua.ghtml>> Acesso em maio de 2020.